



A imagem e outras linguagens no ensino da comunicação¹

Adriana Pessatte Azzolino²

Resumo

Quando se opta por ensinar jovens, é relevante questionar a medida e a profundidade suficiente de informações a lhes proporcionar boa formação e, por conseguinte, para que aprimorem seus níveis de compreensão adequados ao desempenho das atividades profissionais, comuniquem suas ideias de maneira eficiente para a comunidade em que vivem. O trabalho procura aproximar os alunos da Teoria Geral das Artes, da semântica de obras e da configuração plástica de seu sentido e das abordagens poéticas, das estratégias do apelo e das condições pragmáticas, estéticas e “midiológicas” da produção e da recepção de sentido, a partir de experimentações com diferentes linguagens e instrumentos de produção. Despertar a sensibilidade e o sentido da observação de alunos de Comunicação Social quanto às diversas formas de manifestação e produção cultural do homem enquanto gestor de signos ao longo da sua história.

Palavras-chave : comunicação; educação e ensino; sensibilização estética

Introdução

Defendo que a produção e recepção de sentido concebem-se a partir de experimentações plásticas, do contato com diversas matérias-primas ou diferentes suportes que expressam múltiplas linguagens; daí o seu *nexus* com o processo de comunicação.

Acredito que programas de ensino incentivadores dos experimentos com imagem (Arte e Visualidades) e tecnologia (Novas Tecnologias de Informação e Comunicação) permitem romper com a ideia de que o conhecimento pertence a quem tem acesso a uma certa quantidade de informação e que faz disso uma espécie de “segredo da caixa-preta”. Sugiro então que esses projetos se alinhem a uma proposta transdisciplinar. Afinal, ensinar segundo Sastre e Feres Neto

propõe transcender o universo fechado da ciência e trazer à tona a multiplicidade fantástica dos modos de conhecimento, assim como o reconhecimento da multiplicidade de indivíduos produtores de todos estes

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação/Interfaces Comunicacionais, IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Adriana Pessatte Azzolino é publicitária e socióloga, doutora em Comunicação-ECA/USP e mestre em Educação-FE/UNICAMP. É avaliadora institucional e de curso do MEC/INEP e CEE-SP e pesquisadora do Grupo Cibernética Pedagógica-ECA-USP e do LEIE-Laboratório de Estudos e Intervenção em Ecopolítica-CEA/UNESP-Rio Claro. Leciona no IB-Depto de Educação-UNESP-Rio Claro, coordena o curso de Comunicação Social da Faculdade Anhanguera de Limeira-SP e em outros cursos de comunicação. Texto selecionado no Rumos Itaú Cultural 2007-2008. email: drika@widesoft.com.br

novos e velhos modos de conhecimento. A partir de então, surge a necessidade de reafirmar o valor de cada sujeito como portador e produtor legítimo de conhecimento. Sendo assim, a transdisciplinaridade chama a atenção para a potencialização de tendências heterogêneas, seja no campo das subjetividades, ou no da produção de conhecimento, abrindo áreas de tensão com as tendências homogeneizantes (2007).

Com isso, o ensino mostra-se capaz de vislumbrar a construção de um cidadão protagonista na sociedade em que vive, autônomo e dialético em suas ideias e opiniões. Ou seja, um cidadão que interage no seu entorno sob domínio pleno das múltiplas formas e instrumentos de expressão que existem hoje. E como em qualquer outro ambiente, o do ensino e da aprendizagem (a escola e, mais especificamente, as ações em sala de aula) devem fornecer subsídios para que a realidade social seja compreendida e retorne como elemento coadjuvante de uma ação política e transformadora.

O sociólogo e educador Edgar Morin, baseado em Thomas Kuhn, autor de *A estrutura das revoluções científicas*, afirma que *o desenvolvimento da ciência não se efetua por acumulação dos conhecimentos, mas por transformação dos princípios que organizam o conhecimento*. Este é um dos princípios básicos da transdisciplinaridade, e penso que ele poderia ser acrescentado aos projetos pedagógicos de todas as escolas.

Transdisciplinaridade: arte, tecnologia e educação na formação profissional

O ensino como uma sugestão transdisciplinar já foi proposto por Jean Piaget na década de 1970. A partir daí iniciou-se a discussão e, atualmente, Edgar Morin e outros seguidores fizeram desta ideia a pedra fundamental de uma nova visão de mundo. A linha condutora de projetos de ensino deve, a princípio, romper com o espaço; para isso, há uma disposição em ressignificar a noção de espaço, ou seja, é possível o acesso ao conhecimento por canais disponíveis em nível planetário, conforme preconiza Morin.

Há que se considerar que a noção de deslocamento agora é outra: é possível estar com alguém ou diante de alguma coisa sem estar de fato naquele local. A acessibilidade também se redesenha na medida em que se baseia nas inovações ocorridas na esteira do desenvolvimento tecnológico (ampliação da capacidade de memória das máquinas, formatos digitais, banda larga, DVDs, arquivos em mp3 e outras mídias). A acessibilidade se expressa através de novas formas e novos meios.

Embora tais inovações estejam relativamente atreladas às possibilidades econômicas dos indivíduos, sabe-se que já é possível o acesso a computadores e à internet por meio da escola, cibercafés, *lan houses*, celulares ou dos canais de tv a cabo ou digital. São acessos um tanto

restritos, já que os altos custos ainda rondam o projeto da interconectividade total. No entanto, o acesso do cidadão comum está em vias de se realizar através de diversas iniciativas públicas e privadas como, por exemplo, os projetos PROInfo, do Governo Federal, o MIT/Negroponte, do computador a US\$ 100, com o financiamento acessível para a aquisição de eletroeletrônicos em de grandes redes varejistas, a redução de impostos para equipamentos de informática, entre outros.

O advento tecnológico que tem pautado a sociedade há algum tempo, em especial a partir do século XIX, quando a ideia de arte reproduzida atingiu seu auge, vem transformando as relações entre os indivíduos. Dessa forma, novos padrões de relacionamento começam a se evidenciar, dentre eles a forma como se transmite o conhecimento dos usos e dos costumes de uma sociedade — neste caso a educação e as formas de perpetuação de seus valores. Sendo assim, o que ocorre é a profunda transformação nos métodos de transmissão desses valores, aqui considerados como diferentes conhecimentos, e a velocidade com que são difundidos, justamente pela intervenção tecnológica.

Entre os séculos XIX e XXI muita coisa aconteceu, e a sociedade se redesenhou sob o vetor da tecnologia. A velocidade e a quantidade de informação quadruplicaram, o tempo é outro, o espaço também. Vivenciamos um período de “des-locamento” ou de “des-territorialização”. Expressões como compartilhamento, flexibilidade, autonomia, eficácia, instantaneidade são os eixos condutores dessa nova maneira de viver, de conhecer, de olhar e de se ver.

O mundo e a nossa maneira de ver o mundo se tornaram midiaticizados. As relações sociais se (re)produziram para acompanhar o novo ritmo. Nossas ações repercutem no tempo e no espaço com a intensidade que queremos: afinal, estamos conectados pelas redes que se formam em torno de outra lógica. Vivemos sob o espectro de imagens que comunicam e transmitem mensagens; todos os dias nós as contemplamos ou as fabricamos, somos sempre levados a utilizá-las, decifrá-las, interpretá-las. A imagem indica algo que, embora nem sempre remeta ao visível, toma traços emprestados da visualidade e, de qualquer modo, depende da produção de um sujeito: imaginária ou concreta, a imagem passa por alguém que a produz ou reconhece.

É preciso compreender ou interpretar o potencial estético dessa nova forma que se apresenta porque no mundo contemporâneo ela se tornou invasora e onipresente, parte do todo, do cotidiano de todos nós. Novos desafios cognitivos emergem, criando uma nova escola e um novo modo de ensinar.

O binômio arte/tecnologia pode servir para a formação/educação dos indivíduos, contribuindo para a expansão e, talvez, para a construção de novos saberes, para um número cada vez maior de indivíduos que estão à margem desse benefício. Dessa forma, teremos arte como conteúdo e tecnologia como suporte.

Diante desses novos paradigmas, é preciso que a escola se redesenhe com urgência, a fim de dar conta do novo desafio. Vejo que as escolas de formação de professores não estão adequadamente configuradas para tal empreendimento: os projetos pedagógicos dos cursos de formação de professores e o rol de disciplinas que os compõem raramente contemplam o uso das novas tecnologias no ensino. Acredito que os cursos de Comunicação Social têm papel importante no sentido de preparar profissionais capazes de conduzir um processo de ensino e de aprendizagem, porque são eles que no momento estão mais próximos dessa discussão, ou pelo menos, aprendendo a trabalhar com a tecnologia através de disciplinas como produção gráfica, web design, multimídia, editoração eletrônica, entre outras.

Os mestres que atuam na área de formação de professores não estão totalmente preparados, já que as escolas de formação de professores não souberam traduzir as “novas pedagogias” das décadas de 80 e 90. Sendo assim, ainda se tem muito a fazer para legitimar o uso de novas ferramentas, quiçá o desenvolvimento de programas que levem em conta a informação imagética que estrutura a lógica da sociedade contemporânea. Penso que a tentativa do governo de “forçar” esta adesão pode ser desastrosa, se não for aplicada e conduzida adequadamente.

Sabe-se que o Brasil tem apresentado índices baixíssimos nas pesquisas sobre educação e não tem agradado a seus financiadores, como o Banco Mundial e outros agentes fomentadores do desenvolvimento. Os indicadores atuais refletem a baixa qualidade da mão-de-obra presente nas fábricas e, conseqüentemente, produtos de baixa qualidade e pouco competitivos no mercado mundial.

Há muito tempo, políticas educacionais democratizantes têm sido perseguidas, ora pela demanda civil, ora pelas forças político-econômicas que obrigam os governos a posicionar-se diante do problema. E mais: nunca o acesso à informação foi tão amplo, logo as cobranças por ações eficazes são cada vez mais evidentes e divulgadas pela mídia com grande alcance.

Diante desse quadro, a marginalização ainda tem espaço, visto que desde os primórdios da vida, o homem enfrenta progresso e inovação, e com estes, as mudanças de hábito de parte representativa da sociedade. Temos como exemplo a Revolução Industrial no fim do século XVIII, que acabou por definir o desenho da sociedade do século XIX e daí por diante. Já no século XX, em meados da década de 1960, o computador chega às universidades e futuramente aos lares, gerando mudanças. Convém destacar que tais mudanças atingem uma parcela restrita da sociedade, gerando um contingente de excluídos.

Karl Marx defendia em seus escritos a ideia de que a condição da infraestrutura formada pela massa trabalhadora — “os motores da história” — só mudaria com alterações profundas na superestrutura, como nas leis, nos costumes e nas instituições formadas pela elite.

O início, o barro

Em 2003, propus aos alunos do 4º semestre do curso de Comunicação Social, nas habilitações em Publicidade e Propaganda e Jornalismo, que nossa disciplina realizasse um trabalho de experimentação com o barro, tendo a bricolagem como suporte teórico-metodológico. Durante dois meses (o equivalente a 18 horas/aula), discutimos a concepção de arte e como o homem passou a se representar e a se manifestar em relação ao mundo em que vivia, tendo o material fornecido pela natureza como depositário de sentimentos de alegria e frustrações.

O barro, elemento usado pelo homem há muito tempo, foi eleito o grande protagonista por se tratar de um dos materiais que atravessou o tempo e continua sendo utilizado como forma de expressão artística. Possui forte conotação religiosa, pois segundo tais ensinamentos fomos modelados e exercitamos nosso poder de criação com a matéria-prima em questão. A facilidade de modelar a argila permitiu a criação de peças artísticas, nas quais são depositados os sonhos, angústias e desejos daquele que trabalha com ela.

As outras 18 horas-aulas foram dedicadas à produção das obras e o resultado disso seria uma obra de arte com outros materiais que os alunos achassem interessantes (*bricoleur*). Seguimos esse caminho entre 2003 e 2004, porém a proposta demandava um grande esforço operacional para sua realização, lembrando que a instituição não oferecia curso de Artes e era desprovida de recursos para tal fim.

Felizmente, foi possível realizar o projeto, e o objetivo pedagógico foi atingido; através de depoimentos orais pudemos constatar que os alunos compreenderam a proposta, manifestando-se de diferentes formas e maneiras em relação à experiência vivida. Pode-se dizer que o objetivo extrapolou seus limites, principalmente em relação à riqueza de informação pedagógica presentes nas formas que os alunos produziram. Para alguns, a atividade representou uma experiência quase catártica, o que permitiria uma extensa análise quanto à interpretação das leituras do cotidiano de cada um.

Podemos observar adiante registros da atividade referente aos anos de 2003 e 2004:



Imagem e linguagem

Nas experiências que se seguiram, em 2005 e 2006, a proposta em Estética e Cultura de Massa tomou outro rumo. Muito embora as experiências anteriores fossem positivas, elas não se ajustavam as condições operacionais disponíveis pela instituição.

O que fazer para manter a ideia de se trabalhar a semântica de obras e da configuração plástica de seu sentido? Como discutir as diferentes abordagens poéticas e diversas formas de manifestação e produção cultural do homem enquanto gestor de signos ao longo da sua história? Como propor experimentações com diferentes linguagens e instrumentos de produção, a fim de despertar a sensibilidade e o sentido da observação dos alunos?

Essas inquietações me apontaram para o exercício do olhar sobre as imagens e as novas linguagens geradas pela sociedade contemporânea. A partir de então, elegi alguns pensadores para fundamentarem o ajuste do percurso teórico-metodológico desta ação teórico-prática.

Marc Augè (1998)³, por exemplo, defende que a confusão do presente (do dia a dia) confunde realidade e imagem, e a realidade é “ficcionalizada” pelo massacre dos meios de massa, o que faz não apenas perdermos o senso de realidade mas também nossa habilidade de criar certas ficções que têm sustentado nosso senso coletivo de identidade. Para ele, a ficção se ajusta muito bem à tecnologia porque a tecnologia cria um ambiente aparente de uma segunda natureza.

Um paradoxo se apresenta, coexistem-se a homogeneização e os particularismos, unidades dimensionadas ampliadas, multiplicadas, reproduzidas pelos meios de comunicação em *massa*.

Surge, então, à nossa frente um espetáculo que nos é perceptível aos pedaços, através de takes/tomadas, flashes e comentários efêmeros que substituem a realidade, segundo Augè “*de identidade que se perde em imagens e reflexos, de uma história que a atualidade submerge e de uma atualidade indefinível*”. (p. 18).

Produção de identidade se dá através do ritual e, para falar de identidade, é preciso falar do outro; então, para este autor “toda atividade ritual tem por finalidade a produção de identidade por meio do desenvolvimento de atividades. A atividade ritual atende a elaboração de identidades relativas e nesse sentido o rito é mediador, criador de mediações simbólicas e institucionais” (p. 19-22). O autor propõe entre outras colocações, a ideia de “supermoderno”:

O desenvolvimento dos meios de transporte e de comunicação nos dá a sensação de que o planeta está encolhendo. E na medida em que os meios de comunicação substituem as mediações, as referências se individualizam ou singularizam: cada um tem sua cosmologia, mas cada um tem também sua solidão. Esse movimento, que propus chamar supermoderno, porque me parecia proceder de um entusiasmo exagerado em relação aos processos constitutivos da modernidade (AUGÈ, 1998, p. 30)

Nesse ponto, a imagem pode servir para tudo e também pode ser a intermediária de todas as reações extremistas à supermodernidade, segundo esse autor. Dialogamos, também, com pensadores como, Massimo Canevacci, Michel Maffesoli, Nicolau Sevcenko e outros.

O conteúdo programático do plano de ensino

A seguir, o conteúdo adotado:

³ Para Marc Augè, crítico da modernidade contemporânea, todos os estados mentais são comunicantes, utilizam-se de linguagem. Este antropólogo, ao examinar as regras dos sonhos, mito e ficção em tempos de TV por satélite e internet, afirma que no mundo há uma sobrecarga de informação que ameaça colonizar a todos nós. Sua concepção sobre a modernidade contemporânea, debruça-se sobre um material etnográfico de diversas procedências, embora conhecido como um africanista. Colonialismo/alteridade é o ponto focal da sua discussão .

1. Conceito de Arte

1.1 Arte e Vida Social: estética e linguagem

1.2 Princípios de uma estética clássica

1.3 Princípios de uma estética moderna

1.4 A linha do tempo da história da Arte

2. Comunicação

2.1 Definição de comunicação

2.2 Comunicação e representação

2.3 Comunicação, cultura e identidade

2.4 Linguagens e visualidades no mundo contemporâneo

3. Arte, Ciência e indústria

3.1 Arte e Tecnologia: as artes aplicadas, a indústria se aproxima da arte

3.2 Mudanças tecnológicas e a transfiguração do cotidiano

3.3 Comunicação e Arte: aspectos mercadológicos

As produções, os resultados, os depoimentos

Os depoimentos adiante referem-se a algumas das produções realizadas pelos alunos dos anos de 2005 e 2006. Todos poderiam fazer relatos sobre os trabalhos que realizaram; no entanto, solicitamos apenas para alguns deles:

Produção: curta de animação

A realização do trabalho para a disciplina de Estética e Cultura de Massa foi extremamente importante para o aprendizado dos métodos que envolvem a comunicação em massa como a animação apresentada. A animação foi baseada na cultura brasileira, em termos de comunicação televisiva e verbal e no fator desigualdade social, relatado de uma forma humorística, mas que não deixa de ser a realidade vivenciada pelo povo brasileiro. A produção desse trabalho fez com que fosse explorado uma gama de programas para sua elaboração, deixando de lado programas mais utilizados (como o flash da Adobe), o que foi de extrema valia saber que existem métodos alternativos para ser feito um projeto deste nível.

Contribuiu também a visita feita nesse período à exposição “Inteligência Artificial” em SP, pois se verificou que existem várias formas de se propagar uma ideia além das que conhecemos, e

foi nesse momento que se teve a ideia de buscar formas alternativas para alcançar um objetivo que pode ser alcançado utilizando dos meios disponíveis.” (Camila Berti, 4º Semestre de Publicidade e Propaganda/2006)

Produção: videoclipe

A disciplina Estética e Cultura de Massa possibilitou uma forma diferente de construção de conhecimento, pois em vez de provas – que muitas vezes nos obrigam a decorar a matéria – realizamos um trabalho teórico sobre os diferentes tipos de linguagem e também fizemos a parte prática, que consistiu na produção do videoclipe. O interessante da disciplina é que ela possibilitou a construção individual do conhecimento do aluno. Ao invés de ficarmos retidos numa programação, pudemos explorar outras vertentes e, com orientação, entendemos os significados dos mais diferentes tipos de linguagens existentes. O espaço aberto para essa produção experimental foi muito importante, pois possibilitou que usássemos nossa criatividade para a criação de um produto cultural – no nosso caso, o videoclipe. A professora Adriana escolheu o trabalho para ser inscrito no Expocom Sudeste/2007 e fomos aprovados, na primeira etapa, entre os três melhores trabalhos. Na segunda parte do processo, representando o grupo, expus na Universidade Federal de Juiz de Fora – MG, o modo como foi realizada a produção do videoclipe e também respondi a perguntas da banca examinadora. Tivemos a felicidade de eles terem gostado e aprovado o projeto. Agora o projeto segue para a etapa nacional do Expocom na cidade de Santos. É importante destacar que a única regra a nós imposta foi a necessidade de sermos criativos e originais. Isso talvez tenha sido o diferencial do videoclipe.” (Juliano Sussi, 4º semestre de Jornalismo/2006)

Produção: curta de ficção científica

Baseado na ideia de que pode ser possível mudar a personalidade de um indivíduo geneticamente, Persona.1 traz um roteiro recheado de ideias de Nietzsche e Freud, o que o torna um filme tenso do início ao fim. A história trata de um grupo de cientistas que tenta a façanha de criar um “super-homem”. Com um elenco formado por novos talentos, Persona.1 é um filme de ficção científica que questiona valores éticos e morais, despertando em seus espectadores uma nova discussão sobre o futuro da humanidade.

É um pouco sensacionalista, porém interessante, a sinopse acima, do filme/curta-metragem. A obra Persona. 1 tenta mostrar em poucas palavras o resultado de um trabalho de aprendizado na disciplina de Estética e Cultura de Massa, ministrada pela Professora Adriana, no segundo

semestre de 2006. Reunindo os alunos de Publicidade e Propaganda do Isca Faculdades, Eder Ulrich (diretor/ator), Elias Israel (ator), Daiane Leandro (atriz), Fábio Correa (ator), Flávio Morales (ator) e Victor Athayde (roteirista/ator), integrantes do grupo/agência Sinapse; com auxílios relevantes como: edição/sincronização feita por um amigo de classe, Bruno Marques, do grupo/agência 3x4, e empréstimos tanto da câmera quanto do “cenário” para a filmagem, para produzir esse projeto.

Além das pessoas envolvidas temos também a base de tudo isso: o conceito. Este constituído pelo desenvolvimento da cultura tecnológica atual, onde tudo pende para um mecanismo digital e (im)perfeito, visto claramente em exposições – vistas em uma das excursões organizadas, também, pela Professora Adriana – como o evento, apresentado pelo Itaú Cultural, Emoção Art.ficial, composto de exposição e simpósio internacionais; e, o Festival Internacional de Linguagem Eletrônica. Neles visualizamos os “filhos” do “casamento” da Indústria da Informação com a Indústria do Entretenimento, tanto na forma artística quanto na crítica. Toda essa (re)evolução somada com influências dos grandes nomes, de autores e de filmes, do mundo da Ficção Científica e, com a psico-filosofia de Friedrich Nietzsche e a psicanálise conceitual de Sigmund Freud, “deu à luz” ao roteiro do curta metragem Persona. 1, que, apesar de simples, carrega consigo uma ótima bagagem de conhecimento para seus idealizadores.” (Victor Athayde, 4º semestre de Publicidade e Propaganda/2006).

Produção: videoclipe

Sobre o vídeo que realizamos, Salve, só podemos dizer que foi uma experiência maravilhosa que não vamos esquecer. Pois, fizemos este vídeo apenas como parte integrante da matéria Estética e Cultura de Massa e nem pensamos em premiação. Foi uma grande surpresa nossa premiação no Expocom de 2005, na UNB em Brasília. Também consideramos como um grande incentivo para realizarmos trabalhos ainda melhores.” (Ana Karina Gonçalves, 4º semestre de Publicidade e Propaganda/2005)

Considerações finais

Assim, seja qual for o caminho a seguir nenhum deles dispensa a pessoa do professor. Os meios que hoje existem, muito embora apontem para diversos caminhos são, sobretudo, colaboradores dos professores e cada vez mais extensões do homem, como afirmou McLuhan ainda na década de 1960.

Não se pode deixar de considerar que o ambiente de ensino está se reconfigurando e isso exige muita atenção daqueles que estão envolvidos nesse processo. É necessária a crítica frequente sobre os rumos que se para o enriquecimento do processo. Observar sistematicamente as formas de aquisição, retenção e transferência da aprendizagem dos alunos deve ser premissa básica de uma proposta voltada ao “monitoramento” das condições do ensino, seja qual for o ambiente.

A atenção para a organização das experiências vividas em um ambiente de aprendizagem sempre deverá nortear o planejamento numa situação de ensino. Interagir é fundamental, poder contar com o outro é essencial. Aprender significa ser colocado diante de algum desafio e entender as regras. Eis o grande diferencial do ser humano. A aprendizagem é, portanto, uma aquisição específica, identificável e com as características de permanência no elenco das capacidades do sujeito; afinal, aprender significa estar atento às mudanças no entorno.

Existem ainda condições da validação da aprendizagem, pois é preciso que a aprendizagem seja legítima *“porque, um processo de aprendizagem não é, em si mesmo, legítimo ou ilegítimo, a legitimação de um processo de aprendizagem é dada pela finalidade que o indivíduo atribui a essa aprendizagem, pelos meios que pretende utilizar e pelo respeito a uma filosofia ética imprescindível* (Costa Lins, 2000, p.17).

É preciso que, num ambiente de ensino-aprendizagem interativo e de experimentação se estabeleça, desde o início, a necessidade premente do uso e do conhecimento das tecnologias atuais para que elas se legitimem e aprimorem as formas de expressão; e mais, tornem a comunicação entre os indivíduos mais democrática, afinal, a tecnologia está cada vez mais conduzindo nossas vidas afetivas e profissionais.

As novas tecnologias devem promover o acesso democrático à informação com forma e conteúdo de qualidade e não apenas para servirem de pano de fundo a demonstrações de resultados de superfície. É preciso insistir no preparo de profissionais para o desenvolvimento de conteúdos educativos com base nas ferramentas – sem deixar de lado o estímulo e sensibilização estéticas. Futuros profissionais da publicidade e do jornalismo devem receber e exercitar tais conteúdos, pois caberá a eles, num futuro bem próximo, a potencialização de novos saberes para uma nova sociedade que se apresenta.

Criar um ambiente de formação profissional voltado ao uso, cada vez mais frequente, de novos recursos tecnológicos, explorar seus recursos e implementar modos de expressão e comunicação é urgente. Entretanto, deve ser conduzido de forma que promova o conhecimento a partir de experimentações pautadas na provocação do senso estético do indivíduo/aluno. Acreditem, isso é possível.

Notas bibliográficas

AUGÉ, Marc. *A Guerra dos Sonhos: exercícios de etnoficção*. Campinas: Papyrus, 1998.

COSTA, Cristina. *Arte: resistências e rupturas*. São Paulo: Moderna, 1998.

_____. *Questões de Arte: a natureza do belo, da percepção e do prazer estético*. São Paulo: Moderna, 1999, p. 11-14.

CANEVACCI, Massimo. *Antropologia da Comunicação Visual*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

GIANNOTTI, J. A. *O jogo do Belo e do Feio*. São Paulo: Cia. das Letras, 2005.

HAUG, Wolfgang Fritz. *Crítica da Estética da Mercadoria*. São Paulo: Unesp, 1997.

JOLY, Martine. *Introdução à análise da imagem*. 9º ed. Campinas: Papyrus, 2005.

MAFFESOLI, Michel. *No fundo das aparências*. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 338-350.

ROSENFELD, Denis L. (org). *Ética e Estética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

UMA ARTE COM HISTÓRIA In: *Arte na Cerâmica*. Ano I, nº 1, p. 81. São Bernardo do Campo: Escala Editora, s/d.

SASTRE, Edilberto A. e FERES NETO, Alfredo. *Transdisciplinaridade e a virtualização do processo do conhecimento*. Disponível em <http://www.cetrans.com.br/artigos>. Acesso em 3 jul. 2007.

SEVCENKO, Nicolau. *A corrida para o século XXI: no loop da montanha russa*. São Paulo: Cia. da Letras, 2001.

GOMES, L. F. **Cinema nacional**: caminhos percorridos. São Paulo: Ed.USP, 2007.

Obs: verificar outros exemplos na norma da ABNT 6023.